



O modelo predilecto do notavel artista E. Rousselet

Ilustração

2.^a série—N.º 472

Lisboa, 8 de Março de 1915

Redacção, administração, officinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPARIA:

Trimestre 1\$20 ctv.
Semestre 2\$40 *
Ano 4\$80 *

Portugueza

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

T Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Proprietário de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8



CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington-UMC tem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
222 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manáos

A' VENDA

Almanaque illustrado
do SECULO

Para 1915

A' VENDA



FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já e-lio a venda as capas em sercane de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Tamhem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMÊL

CURA
INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
Mesmo Chronicas

TOSSES
ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa
Franco de porte compranda 2 frascos.

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição

e impressão

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçao do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeição

Zincogravura

e Fotogravura

Em zinco simples de 1.^a
qualidade, cobreado
ou nicklado.

Em cobre.

A cores, pelo mais
recente processo — o de
trichromia.

Para jornaes, com
tramas especiaes para este
genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SECULO, 43

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 472

8-3-1915

A tiro

Entrámos no regimen do atentado pessoal. No Porto, são disparados tres tiros de Browning contra o chefe do partido democrático. Em Lisboa, é morto a tiro, no largo do Diretório, o deputado democrático Henrique Cardoso.



A liquidação de responsabilidades politicas pela bala é um processo que fundamentalmente repugna á indole do nosso povo, e que não pode deixar de merecer a toda a gente, quaesquer que sejam as suas convicções, a mais enérgica reprobção. Que significam estes atentados? A existência de uma organização revolucionária?

Gestos isolados de exaltados políticos? Ninguém o sabe. O que todos reconhecem, é que o paiz está cansado de lutas partidárias que são sementeiras de ódios, de combates jornalísticos que são perigosas sugestões de crimes, e que, extenuado de politica, aceita todas as soluções que tragam á sociedade portugueza a ordem, a tranquillidade e a paz.

Bilhete a M.elle X

Pergunta-me o que penso da moda atual. As modas são como as mulheres, minha querida amiga: Já se disse d'elas todo o mal que havia a dizer. Como Gabriella Dorziat, a illustre atriz franceza do «the right dress in the right place», julgo que a moda atual é «garço miêre» de mais; que, quando se decide a ser feminina, o é com um paroxismo doentio e uma impertinência visinha da impudência; que os vestidos modernos, exiguos, sucintos, levíssimos, quasi imateriaes, vestidos que se fazem com 0,75 de estofa e cabem dentro de um regalo, constituem, em matéria de pudor, um diminutivo muitissimo interessante quando se observa na mulher dos outros. Com o seu penacho enorme, as suas pelicas monstruosas e os seus passinhos curtos de japoneza,



a mulher moderna, a mulher que Sem caricaturou no seu album recente, a mulher que Poirat vestiu com a sua «jupe-cubiste», — dá-nos a impressão d'um pássaro, d'um grande pássaro multicolor, emplumado, saltitante, sem a mais leve, a mais fugitiva reminiscência huma-

na... Mas não vale a pena, minha querida amiga, dizer mal das modas. Elas passam tão depressa!

Paquidermes de ferro

O bloqueio da Inglaterra é um facto. Segundo as informações do almirantado, os submarinos alemães meteram a pique, na semana passada, sete navios. Depois d'isso, novos submarinos afundaram a norte de Scarborough o vapor «Depthford», perto de Portsmouth o paquete «Westem Coart», e, em pleno oceano, o



cruzeiro auxiliar «Claum Aquanghtan». A profecia do almirante inglez Percy Scott, pronunciada tres a quatro mez s antes de rebentar a guerra, está-se cumprindo. Para o grande almirante, a unidade eficaz na guerra naval moderna é o submarino. Scott aconselhou a Inglaterra a abandonar as suas esquadras de gigantes, os seus «dreadnoughts» e «super-dreadnoughts», paquidermes de ferro formidáveis e inúteis, — e a construir exclusivamente, incessantemente, enxames de submarinos. O que fez a nobre Grã-Bretanha? Chamou-lhe, pela boca dos lords do almirantado, incompetente e mentecapto. Nem os grandes povos escapam á inexorável fatalidade que os faz: considerar como traições á patria as verdades que lhes não agradam.

Doida de amor

Antero de Figueiredo acaba de publicar a 2.ª edição da «Doida de Amor». E' uma novela em cartas, intensa, curta, admiravel, vibrante de paixão. E' a historia dolorosa d'um grande coração de mulher. O illustre escritor tem n'este livro uma das suas obras mais profundas e mais belas. Lendo-o, recordamos o conceito de La Rochefoucauld: «Si l'on juge de l'amour par la plupart de ses effects, il ressemble plus à la haine qu'à l'amitié».



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gus'avo).



Cartas de longe

Sairam de Lisboa por uma linda, luminosa manhã dourada de sol, a bordo de um vapor que os conduziu à África, através das salgadas e mornas águas do mar. A despedida fôra calorosa, entusiástica, magnífica de paixão, de ardor patriótico. Milhares de mãos agitavam nos ares, entre a radiação da claridade, lenços brancos, palpitando à aragem como azas vivas. Quando desfilaram nas ruas com destino aos caes de embarque, as flores caíam sobre as suas cabeças como uma chuva colorida e perfumada. Os olhos das mulheres fitavam-nos com admiração; e nas bocas frementes vibrava este grito unânime:

— Lembrae-vos que sois portugueses!...

A recordação da hora gloriosa em que ressoava já a música maravilhosa dos triunfos futuros ainda agora comovia fundamente os expedicionários! Mas, desde que haviam chegado ao continente africano, avançando a marchas forçadas para a província ameaçada pelos invasores, nunca mais receberam notícias do velho Portugal.

Lentas semanas, dormientes mezes foram deslizando monotonicamente sobre o dia vitorioso da partida, e os combatentes nada sabiam das famílias que os ficaram pranteando, n'uma desolação, das noivas desditosas, das esposas desgraçadas, dos filhos pequeninos que decerto os estariam relembrando, pedindo à Virgem por eles, nas suas ingenuas orações infantis—que o céu nunca deixou de escutar. Os de sensibilidade mais fina e subtil, tentando adoçar a saudade que os magoava, quando o serviço do acampamento lhes concedia alguns momentos de repouso, cantavam, com o olhar nostálgico e perdido na contemplação de uma paisagem imaginária, as suaves, melancólicas trovadas do sentimentalismo lusitano. Esse lirismo elegiaco apaziguava as suas inquietações interiores e comunicava serenidade à sua perturbação de espírito.

Não os amedrontava, decerto, o pavor dos combates. N'esse instante, por toda a Europa, a guerra ardia como um fogo devastador, transformando os campos de batalha em charcos de sangue e em sinistros ossuários humanos.

Para defenderem a sua Patria, povos heroicos avançavam para a morte impavidamente, entoando os seus hinos por entre o fragor das granadas e o crepitar da fuzilaria; e o orgulho nacional dava mais força aos seus braços e mais bravura à sua coragem. Ora, eles, tinham também uma Patria para

defender e saberiam escrever, em rutilantes letras de lume, mais uma página eloquente na História portuguesa.

Seriam, porém, felizes se, antes de caírem nos recontros, com o peito varado pelas balas, o correio lhes levasse novas dos ausentes amados!...

Inesperadamente, espalhou-se entre os expedicionários um boato sensacional:—esse correio com tanto sobresalto desejado, chegaria n'essa tarde, e isto fez gorgear nos sentimentos a ave misteriosa da esperança. Houve por toda a parte um nervoso alarido. O sangue pulsou mais apressadamente nas veias. Um correio de Portugal! Cartas em que floririam beijos puros, lágrimas cristalizando em beleza, vozes humildes adquirindo a ressonância de cânticos, palavras que refinariam como o ouro sobre um mármore polido! Cada folha de papel enegrecida de tinta seria uma alma que se confessasse, teria uma consciência, havia de rir ou de chorar, exprimindo o contentamento e a dor em imagens intensas e perduráveis e daria aos que talvez fossem morrer com as benções puras, as supremas consolações.

Manuel, um beirão moço e de face rqueimada pelo bafo das soalheiras, observava com indiferença o jubilo dos seus camaradas e parecia não compreenderlo.

Na verdade, que lhe importava todo aquele alvoroço? A ele ninguém escreveria. Era orfão, vivera desde os doze anos servindo amos, a sua existência não interessava os outros. Lançada a ordem de mobilização, fôra apresentar-se no quartel com o uniforme de brim dentro d'uma saca de chita. Deixara a aldeia ao raiar fresco e virginal da alvorada. Dos cabeços dos montes elevava-se para o alto azul translúcido uma leve nevoa que, por vezes, se prendia nas folhas verdes das arvores e das plantas rasteiras e que o banho da luz ascen lente trespassava. Manuel evocava as cenas do instante da partida, sem que esquecesse os menores, mais fugidios detalhes. Caminhava pela estrada fôra com outros companheiros. Os mais expansivos, aligeirando o tédio da jornada, e libertos já da tristeza funerária, que atrás de si ficava, tangiam alegremente a viola; e, na diafanidade matinal, essa Musa rústica ganhava um incomparável encanto e dizia com finura emotiva, as grandes penas amorosas, as melancolias, os abandonos lacrimosos, as piedades, os misticismos. Ouvindo-a, Manuel vivava as danças

nos adros, pelos serenos domingos, em que valsavam pares enlaçados, os arraiaes, as romarias, as seroadas idílicas pelas eiras ao luar, todo o enlevo d'uma vida simples em anos d'óces de paz. Nunca o havia atormentado a suspeita de que um dia o chamariam às armas, para combater pela nacionalidade - de que não formava, de resto, uma idéia muito nítida. Cumprira o seu dever militar, andara pelos quartéis, fizera guardas sempre à espera do minuto entre todos bendito em que novamente pudesse regressar à labuta agrícola, às agrestes lides da lavoura, porque nascera para revolver, rasgar as entranhas da terra com a relha do arado, só para que ela, em troca, lhe ofertasse o pão e as flores. O momento da sua liberdade surgiu, por fim, e Manuel abandonou sem hesitações a cidade, reentrando na aldeia.

Mezes volvi los, porém, estalava a guerra e eis que ele era convocado a toda a pressa para se incorporar na unidade a que pertencera! Que funesta amargura este facto produziu no povoado, especialmente nos casais modestos, nas granjas onde pobres mães se carpiam e lamentavam! A ele, contudo, ninguém o chorava. Podia morrer ao estrondo dos canhões, n'uma rude pejeia, que a sua morte passaria despercebida! Aconselharam-n'o, a que desertasse; mas Manuel atalhára imediatamente:

— Isso não! Irei com os outros. Não sou mais do que eles. Desertar seria uma vergonha. Havia de dizer-se que eu tinha medo...

Uma única lembrança o pungia. Guardava consigo um inefável segredo. Dirigia-se para o fundo silêncio d'uma cova sem que um certo coração por ele batesse com mais ternura! Durante muito tempo, todo o seu venturoso cuidado fôra Mariana, a filha d'um lavrador visinho da herdade que habita-

va, e já mais poderá cap'ar-lhe a simpatia, o interesse de moça esquiua. Por muito apaixonado que se mostrasse, somente recebera zombarias, securas, chacotas que o faziam sofrer. Ainda na véspera da sua saída para Lisboa, ao descer d'um crepusculo religioso, encontrando Mariana no seu caminho, parára a conversar com ela, para lhe dizer o ultimo adeus.

E' esta a derradeira vez que nos vemos, Mariana! — exclamou Manuel com a lingua entaramelada na boca.

— Então sempre é certo?

— E'! A'manhã partirei.

— Pois que Deus te acompanhe!

E nem uma frase que traísse estremecimentos, adorações ocultas!

— Se eu por lá largar os ossos, recorda-te de mim mulher!

— Ora! Nada de desmaios! Os homens fizeram-se para o mundo.

Manuel, passado de desalento, monologava, vendo-a afastar-se:

— E' melhor assim! E' melhor assim! Se Mariana me quizesse como eu lhe quero, eu não iria para a Africa tão socegado. Estaria ralado de consumições, fugiria, para não a perder. Mas, como me não quer, segue cada um o seu rumo!

E como a vida não tinha para ele o mais apagado encantamento, arriscal-a-ia audazmente, carregando de frente erguida contra o inimigo, no meio da furia das batalhas, morrendo mas matando também. Na sua intelligencia incompletamente formada fizera-se uma revelação.

Parecia-lhe que a felicidade perfeita, prendendo os homens á terra, os enfraquecia, os amolecia de egoismo, amesquinhando-lhes o caracter, paralizi-



sando-lhes as ações heroicas, crestando-lhes a floração das virtudes cívicas, do patriotismo e da abnegação.

Mais tarde, quando embarcou, as estridentes aclamações d'uma multidão delirante exaltaram-no. A guerra, longe de apavorá-lo, começara então a seduzir-o imperiosamente. O tumulto das ovações, das salvas de palmas, o som das bandas marciais, o fluir das bandeiras ao vento, despertaram na sua sensibilidade uma emoção nova. O povo, confiando no exercito, vitoria-o: e a febre, o ardor da turba, transmitiram-se ao seu organismo. Manuel acordava d'um bizarro sonho, mirando com a vista espantada todo aquele cenário inolvidável de epopeia. Tinham-lhe falado da guerra como d'um crime monstruoso, e também ele, na sua simplicidade de camponês, outr'ora não entendia porque é que os homens se dilaceravam n'uma raiva sangrenta, quando lhes era tão fácil viver tranquilamente, lavrando as suas varzeas, podando os seus bacelos, colhendo os seus frutos, entregando-se ao seu commercio n'uma inalterável pacificação. No entanto, diante de si, um imenso, compacto ajuntamento de populares, aplaudia veementemente os que iam pelejar. A guerra deixava, pois, de ser criminosa para se tornar sagrada, quando era feita para a salvação d'uma Patria — como disséra o official que, antes do embarque, discursára ás tropas formadas na parada do quartel.

Ah! com que anciosa vontade ele desejava corresponder ás saudações dos que o haviam aclamado! Certamente que se bateria com heroísmo, sem um desfalecimento, para que ao voltar d'Africa fôsse encontrar um paiz em festa celebrando os feitos dos seus soldados e encarando sem receio os seus destinos! Na intimidade do seu ser moral operára-se uma transformação completa. Até aí passara totalmente ignorado, sem que fôsse aplaudido por qualquer ato digno de louvores. Nenhum dom o elevava, na sua pobreza, acima dos outros, apagava-se na humildade. De subito, a sua individualidade afirmava-se e era ovacionada com um calor que lhe insuflava altivez. E porquê? Porque na missão a que o destinavam havia muita beleza e muita grandeza!

— Para a frente! — bradava ele.

Considerava-se maior do que os que ficavam — sem saber explicar o motivo... Durante a travessia dos mares, a sua energia não esmoreceu. Animava os camaradas, para que não sucumbissem. Veriam outras regiões, outros povos, conheceriam as condições da luta. Se escapassem teriam que contar e a Patria nobilitar-os-ia, se ficassem vencedores.

Mezede depois, desembarcavam em Africa, seguindo logo para o territorio em perigo. Em Manuel diluira-se toda a memoria da sua aldeola longinqua, das desfolhadas sob a lua, dos serões ruraes onde se derriça, das guitarradas liricas á roda das casas onde havia raparigas namoradas. Apenas, nos seus minutos de recolhimento, reavivava a figura de Mariana que andaria folgando com outros rapazes, já esquecida d'ele, que tanto a tinha amado. Mas este deliquio dos sentidos era momentaneo. Quantos outros que ali estavam tiveram de deixar as noivas! E Mariana nem sequer lhe dera uma ilusão.

— Acabou-se! — murmurou ele.

Não havia ainda entrado em fogo, e aguardava anciosamente o momento de investir contra os adversarios, acampados a curta distancia.

— Se cair á primeira, melhor. A vida é só uma e morre-se apenas uma vez. Algum dia terá de ser!...

Mas o correio não demoraria muito a chegar ao acampamento, e esta certeza venturosa fazia viajar nos espiritos uma divina flor de felicidade.

Se eu possuísse familia!... — murmurava Manuel com os olhos turvados de lagrimas.

E invejava os companheiros que nas suas terras remotas tinham paes solícitos e enternecidos que os não olvidavam e que, por certo, iam mandar-lhes extensas cartas em que as palavras de angustia seriam suavizadas pelas palavras de amor, de queixume, de oração! D'ele que era só no mundo, ninguém se lembrava.

— De que vale viver assim? — interrogava Manuel.

Não tardava, com efeito, que grandes sacos de lona atulhados de correspondencia surdissem, n'um pesado carro. Logo em redor d'eles se aglomerou uma inquieta turba-multa de soldados, esperando a distribuição. Mãos tremulas e suplicantes estendiam-se nervosamente para esses pequeninos bocados de papel tão insignificantes e que, no entanto, constituíam um encantado tesouro. De posse d'eles, os destinatarios com o olhar brilhante, rasgavam os envelopes febrilmente e devoravam as linhas de letras que dir-se-ia terem uma emotividade. Manuel, fumando um cigarro e curtindo a sua melancolia, contemplava o espetaculo, tranzido. A garganta apertava-se-lhe. Sentia necessidade de chorar, para desafogar o seu mal. Em volta d'ele, os camaradas riam satisfeitos, conversavam, trocavam novidades. Os seus estavam de saúde. A nação honrava-os! Os jornaes falavam d'eles com admiração, chamavam-lhes heroes, dignificavam-nos. Para Manuel nem um bilhete que o desoprimisse.

— Não veio carta para ti? — perguntou-lhe um soldado da sua companhia.

— Não! respondeu Manuel. Quem havia de escrever-me? Se já não tenho pae nem mãe!...

— Nem namorada?

— Nem namorada...

A voz do distribuidor bradou, porém:

— Manuel de Jesus!

Justos ceus! Era ele! Alguem o recordára. Quem seria?

— Manuel de Jesus sou eu, meu sargento! — titubeou.

— Toma lá...

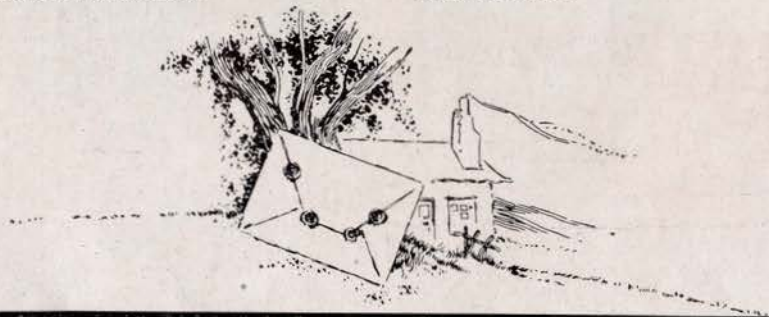
Manuel, perturbado, com o coração a latejar desordenadamente, pediu a um camarada que lhe lêsse a carta — porque não sabia lêr. Era de Mariana e levava-lhe um adorável prometimento. «Eu nunca te quiz dizer que gostava de ti» escrevia ele. «Mas agora, que estás tão longe, sempre t'o digo. E fica certo de que te esperarei, se tiveres de vir, porque não casarei com outro. Juro-t'o á fé de quem sou!...

— Ela diz isso? — inquiriu Manuel, comovido e gaguejando.

— Tal e qual!...

Dobrou o papel, meteu-o no envelope, guardou-o no bolso bem junto do peito. Seria o seu talismão. As balas do inimigo não teriam o poder de ferir a carne que aquela maravilhosa promessa de amor e de ventura protegesse, quando nas trincheiras Manuel se batesse épicaamente para a defeza d'uma Patria que era também a da sua noiva e que seria de seus filhos!...

JOÃO GRAVE.



UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO MILITAR



Aspetos da Arcada na ocasião da manifestação

Ha muito que Lisboa não presenciava um brilhante conjunto de officaes de terra e mar, como no dia 27 do mez passado. Uma grande parte da sua população affluu ao Terreiro do Paço e ficou encantada com o bello aspecto da nossa officialidade e effeito vistoso dos seus uniformes.

Tratava-se de uma manifestação de agradecimento ao gover-



no, por ter, seu decreto sobre a reforma e toral, e estabelecido o direito de voto aos officaes do exército e da armada. Entre elles sr. presidente do ministerio e ram-se palmeiras de elevada fraternisacão militar, decorando a manifestação na melhor dem, a velha altura quem a regia e de quem se celebrava.



FIGURAS E FACTOS



1. O sr. J. H. Braga, escrivão aposentado, falecido ha dias.—2. O sr. Cristóvão A. Rodrigues, industrial falecido ultimamente em Lisboa.

O sr. S. M. Pereira

4. A sr.ª D. Guilhermina Sales dos Santos, professora, recentemente falecida.—5. O sr. F. L. Monteiro, falecido ha dias em Montforte.

Sertorio de Monte Pereira.

—Na sua casa de Carnide faleceu ha dias o abalizado professor do Instituto de Agromonia, sr. Sertorio do Monte Pereira, onde era muito considerado. O illustre exunio collaborou em muitos jornaes agricolas e foi o fundador do *Seculo Agricola*.

D. Henrique Cardoso.—Não foi só um acontecimento lutooso para a infeliz familia, foi tambem um motivo de descrédito para o paiz a morte do deputado pelo Porto, sr. dr. Henrique dos Santos Cardoso, a quem uma hala cortou a vida ainda em pleno vigor. As questões politicas teem nos ultimos tempos gerado odios que não deviam existir entre homens da mesma patria, e muito menos ainda entre os que defendem o mesmo ideal, mas a tal ponto esses odios teem levado os mais exaltados a que cegueira é manifesta e não trepidam ante um crime para se desfazerem dos seus adversarios. O povo portuguez, tão docil, nunca propenso a estes crimes, precisa de continuar a ser o que foi sempre, não se guiando se não pelo seu instinto, que é bom e generoso. A politica não o deve levar a atos que desmintam as suas nobres qualidades.



O dr. H. dos Santos Cardoso



sr. Manuel Alves

O voluntario Manuel Alves.—E' um portuguez que sentindolhe referver o sangue nas veias se alistou como voluntario no exercito francez. Tem dado as maiores provas de coragem em successivos combates dos quaes uma vez saiu ferido. Mas não fraquejou e lá continua combatendo com bravura.



A distinta atriz Leonor Faria

Leonor Faria.—A simpatica atriz Leonor Faria, que faz parte da companhia do teatro de S. Carlos, foi muito vitoriosa na noite da sua festa artistica como o merece, pelo seu talento compovado para a arte a que se dedicou.



O distincto fotografo do Porto, sr. Antonio Belez.



10

10. A bandeira do pelotão de estafetas
11. Simaleiros do pelotão de estafetas com o seu instrutor alferes sr. Afílio.

Sociedade Militar Preparatoria n.º 1.—O pelotão de estafetas da briosa e patriótica Sociedade Militar Preparatoria n.º 1 fez os exercicios da sua especialidade, que resultaram muito uniformes e de maneira a merecerem os elogios do seu instrutor e dos officiaes que a eles assistiram. O pelotão compõe-se de 128 alistados.



11

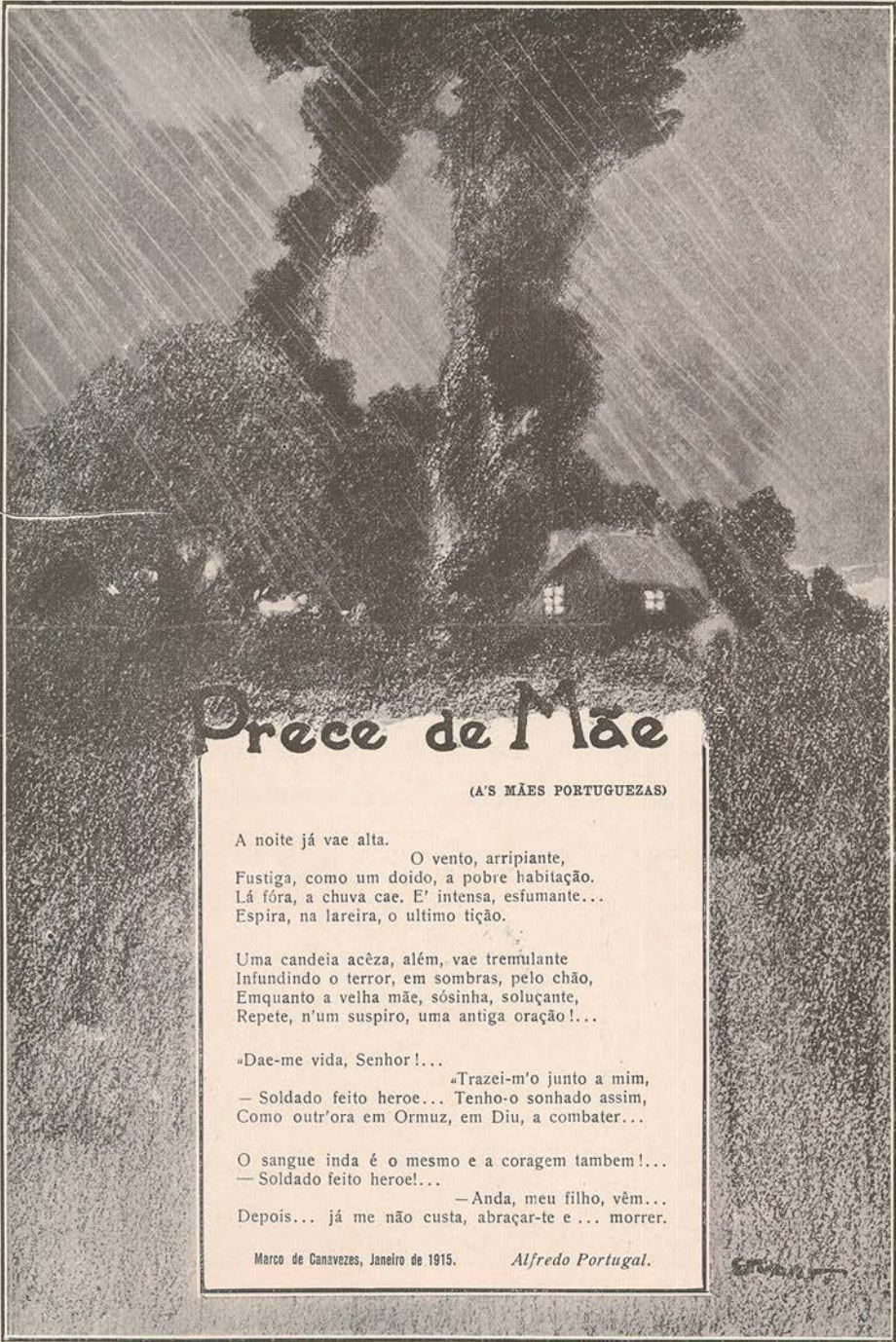
A REUNIÃO DO CONGRESSO



1. No largo das Cortes: O comandante das forças comunica ao sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da Camara dos Deputados, que não deixa entrar ninguém no edificio.—2. Em Santo Antão do Tojal: A presidencia do Congresso constituída pelos srs. dr. Manuel Monteiro, Baltazar Teixeira (à direita) e Joaquim Portilheiro.—3. O aspecto da sala.—(«Clichés» Benollet).

Como o governo impedisse pela força armada a reunião do parlamento no seu palácio, marcada para o dia 4, alegando que as suas funções haviam caducado, o congresso reuniu, no mesmo dia, em maioria no Paço da Mitra a Santo Antão do Tojal, convertido

em escola primária, resolvendo negar validade a todos os atos ditatoriais do governo. Este acontecimento causou grande impressão em todo o país, cada vez mais apreensivo pela situação que atravessamos.



Prece de Mãe

(A'S MÃES PORTUGUEZAS)

A noite já vae alta.

O vento, arripiante,
Fustiga, como um doido, a pobre habitação.
Lá fóra, a chuva cae. E' intensa, esfumante...
Espira, na lareira, o ultimo tição.

Uma candeia acêza, além, vae tremulante
Infundindo o terror, em sombras, pelo chão,
Emquanto a velha mãe, sósinha, soluçante,
Repete, n'um suspiro, uma antiga oração!...

«Dae-me vida, Senhor!...

«Traisei-m'o junto a mim,
— Soldado feito heroe... Tenho-o sonhado assim,
Como outr'ora em Ormuz, em Diu, a combater...

O sangue inda é o mesmo e a coragem tambem!...

— Soldado feito heroe!... — Anda, meu filho, vêm...
Depois... já me não custa, abraçar-te e ... morrer.

Marco de Canavezes, Janeiro de 1915.

Alfredo Portugal.

CASAMENTO HEBRAICO

Na respetiva sinagoga efectuou-se o casamento da sr.^a D. Siny Cohen, filha da sr.^a D. Raquel Cohen e do sr. Isaac Cohen, com o sr. J. Kadock, filho da sr.^a D. Ester Kadock e do sr. Jaime Kadock.

Na cerimonia, que foi celebrada pelos rabinos Samuel Muchznik e Abraham Castol, fiseram-se ouvir cantos religiosos, seguindo-se-lhe a leitura do contrato do casamento e sendo apresentado o copo cheio de vinho que depois foi partido como é de uso.

Ao ato



assistiram todas as pessoas de maior representação da colonia israelita residente em Lisboa, que fez aos noivos as demonstrações do estilo, felicitando-os pelo seu feliz enlace.

Aos convidados foi servido em casa da mãe da noiva um primoroso e delicado lanche.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Raquel Cohen e D. Luna Benarus Pinto e de padrinhos os srs. Abraham J. Acris e Jaime Pinto.

Na «corbeille» da noiva viam-se lindas prendas.

Os noivos saindo da sinagoga



A cerimonia israelita

(«Clichés» Benoitte).



Madame Vera Fokina na dança a BACANAL.

suas regiões e com a vida acabrunhada de uma grande parte do seu povo, cultiva as belas artes com uma paixão e êxito inextinguíveis.

A dança, por exemplo, está ali passando por uma reforma admirável. Já não lhe satisfaz a dança de feição mais ou menos hierática, nem os bailes populares, nem os bailados que aliviam os quadros mais pungentes das operas. Toda a sua atenção converge para a dança-drama, cujo genero se está expandindo extraordinariamente.

E, para isso, a Russia, comquanto se sirva muito das tradições do Caucasso e do Oriente, vai sobretudo beber às copiosíssimas e inexgotáveis fontes gregas. Na Grecia, efetivamente, foi onde a dança atingiu o seu maior esplendor, fazendo parte obrigatória da educação nacional.

Alguns povos tem-se inspirado nas danças da velha Roma e enriquecido com variantes os seus repertórios coreográficos. A Russia, na sua reforma, em nada se orienta por elas, porque as considera uma estropeação das que os romanos trouxeram da conquista da Grecia. Estragaram a dança, como desvirtuaram a maior parte das coisas boas que encontraram n'aquela precioso berço das artes e das letras, no seio d'aquela povo essencialmente artista.

As proprias danças egypcias, tão



Madame Thamar Karsavina na dança SCHEHERAZADE.



Madame Karsavina na dança DAPHNIS e CHLOE.

A DANÇA RUSSA

Ninguém ha de dizer que a Russia, com a tradição pesada do seu absolutismo, com a tristeza gelida de muitas das

cheias de magia, tão misteriosas como as que figuravam no culto, sendo das mais tipicas as variantes d'aquella a que o

povo de Moisés, saindo do paiz dos Faraós, se entregava no deserto em volta do bezero de ouro, não tentaram a Russia. Rebuscou em toda a Grecia monumental a historia esculpida da sua dança desde os tempos arcaicos. Nos monumentos publicos, nos frontões, nos retabulos, nos frescos das paredes, nas telas, etc., respigou por mãos finissimas de artista todos os elementos que podiam imprimir á sua nova dança a feição profundamente dramatica que ella lhe quiz dar.

E' admiravel o conjunto que resultou d'esse estudo detalhado, paciente, orientado por um peregrino espirito de selecção. Parece que essas figuras, reconstituídas aos pedaços, saíram dos seus fundos decorativos, após tantos seculos de imobilidade, para viverem, para dançarem, para nos fazerem vibrar intensamente os nervos ante a aparição material de imagens deliciosas do passado, que mal entrevíamos como um sonho através das paginas rendilhadas do classicismo. Atitudes graciosas, moribundas, ou tragicas; gestos em que se reflectem a doce tranquillidade da alma, o sofrimento ou o pavor; a representação viva das lutas mais cruéis que se travam no coração humano, enfim, o eterno drama da vida em todas as suas fases, em todos os seus lances, resalta da nova dança russa em toda a sua empolgante realidade. As fotografias que inserimos mostram bem a feição caracteristica da nova dança.



A antiga arte grega revivida



Um fresco ao vivo



Mr. Mikail Fokine e Madame Fokina na dança SCHEHERAZADE.

O Velho Mundo em guerra

Sempre nos queria parecer que as ameaças do bloqueio posto á Inglaterra não passariam dos arrogantes assomos de que a Alemanha ultimamente procura tirar efeitos, visto que a sua ação militar está falhando em todos os campos. Nem as pequenas nações neutras se possuíram d'esse terror, que ela julgou suficiente para as afastar da costa inglesa.

Sobre o dia 18 de fevereiro já passaram uns poucos de dias e ainda nada ocorreu, nos mares que cingem a Gran-Bretanha, tão extraordinário que se possa concluir que ha realmente um arremedo sequer de bloqueio. Teem continuado a ir a pique navios que tocam em minas, ou arrombados por tor-

pedos de submarinos; mas vão os inglezes, como vão os noruegueses, como vão os proprios alemães.

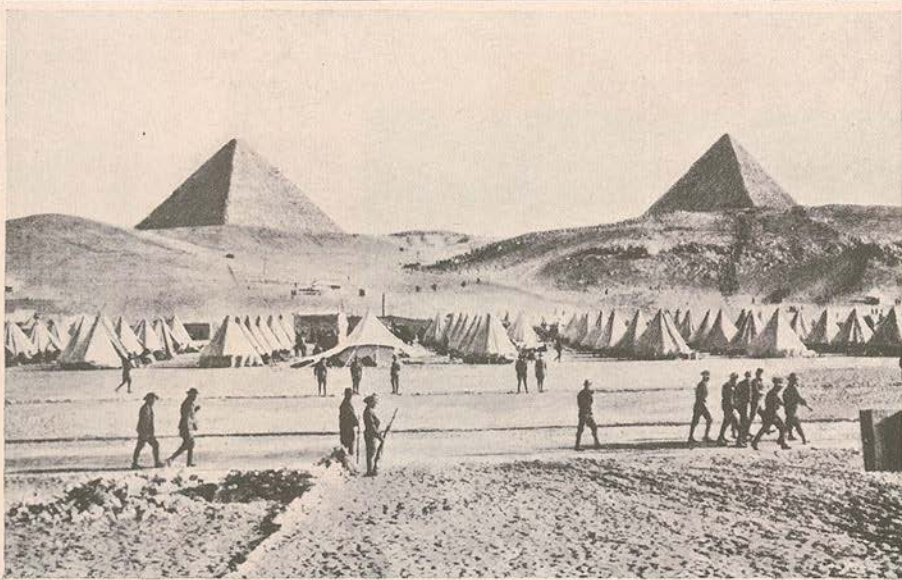
E pelas entranhas dos mares tanto furam os submarinos do inimigo como os dos aliados. Depois do dia 18 não se passam nas aguas factos mais sensacionais do que se passavam antes.

A luta no mar não mudou essencialmente de aspeto e a Inglaterra continua em relações com todo o mundo da mesma forma desde que se agravou o conflito internacional.

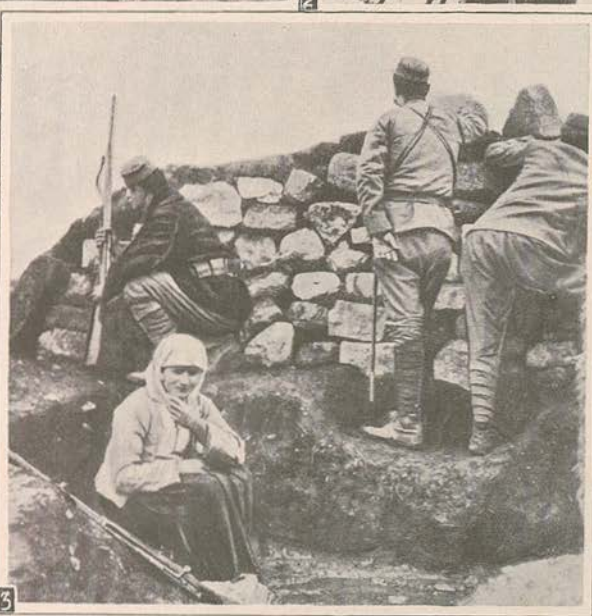
O a que Alemanha pretendia principalmente era isolar as duas grandes aliadas interceptando-lhes as comunicações pelo «Pas de Calais» e pela Mancha; mas as tropas ingle-



Um soldado argelino servindo-se do seu cavalo como trincheira.



No Egypto: Um acampamento de tropas australianas proximo das Piramides



zas nunca deixaram até hoje de desembarcar em França e mantêm-se os mesmos horários da navegação entre as costas dos dois países. Todo esse movimento está assegurado. As travessias fazem-se com tranquilidade e confiança, sob a defesa e guarda da poderosa marinha inglesa.

Com a ameaça do bloqueio a Alemanha acabou de concitar contra ela o resto dos odios que ainda se conservavam dormentes nos Estados Unidos. A grande nação norte-americana já tem perdido alguns navios por chocarem em minas; mas não está disposta a sofrer que os alemães lhe metam um só no fun-

do, seja por que motivo for, por um equívoco que seja.

O mesmo acontece à Itália, a quem a Alemanha, que ainda não perdeu a esperança de aceitar, prometteu respeitar o seu pavilhão, alegando as relações amigáveis que unem os dois países. Se até ao dia em que escrevemos, não foi ainda dada resposta tão adocicada para a América, não

deixará de ir, porque a aguija germanica bem sabe como e quando deve encolher as garras.

Por todos os Estados Unidos fermenta contra os processos alemães uma agitação grave que evidentemente o governo da grande republica procura respeitar.

1. Uma peça de sitio de 30 cm. austriaca.
2. Um observatorio improvisado pelos montenegrinos para dirigirem os tiros contra os austriacos.
3. Uma senhora montenegrina acompanhando os soldados nas trincheiras.



Ao norte da Bélgica: O exército alemão abandonando precipitadamente os terrenos inundados pelos belgas



A artilharia russa atravessando uma ribeira para tomar novas posições



Na linha de fogo: Um bravo soldado francez condecorado pelo seu general

(Da Illustration)



Os soldados de engenharia inglesa protegendo as trincheiras com arame farpado



Um grosso canhão de sitio da artilharia franceza no Yser.



Passagem da artilharia russa sobre um afluente do Vistula.



Na Flandres: Os alemães, tendo arvorado a bandeira branca para parlamentar com os ingleses, surpreenderam estes com o aparecimento de uma companhia de infantaria, atacando-os cobardemente.—(Da Sphere)



A infantaria franceza marchando com os seus novos uniformes



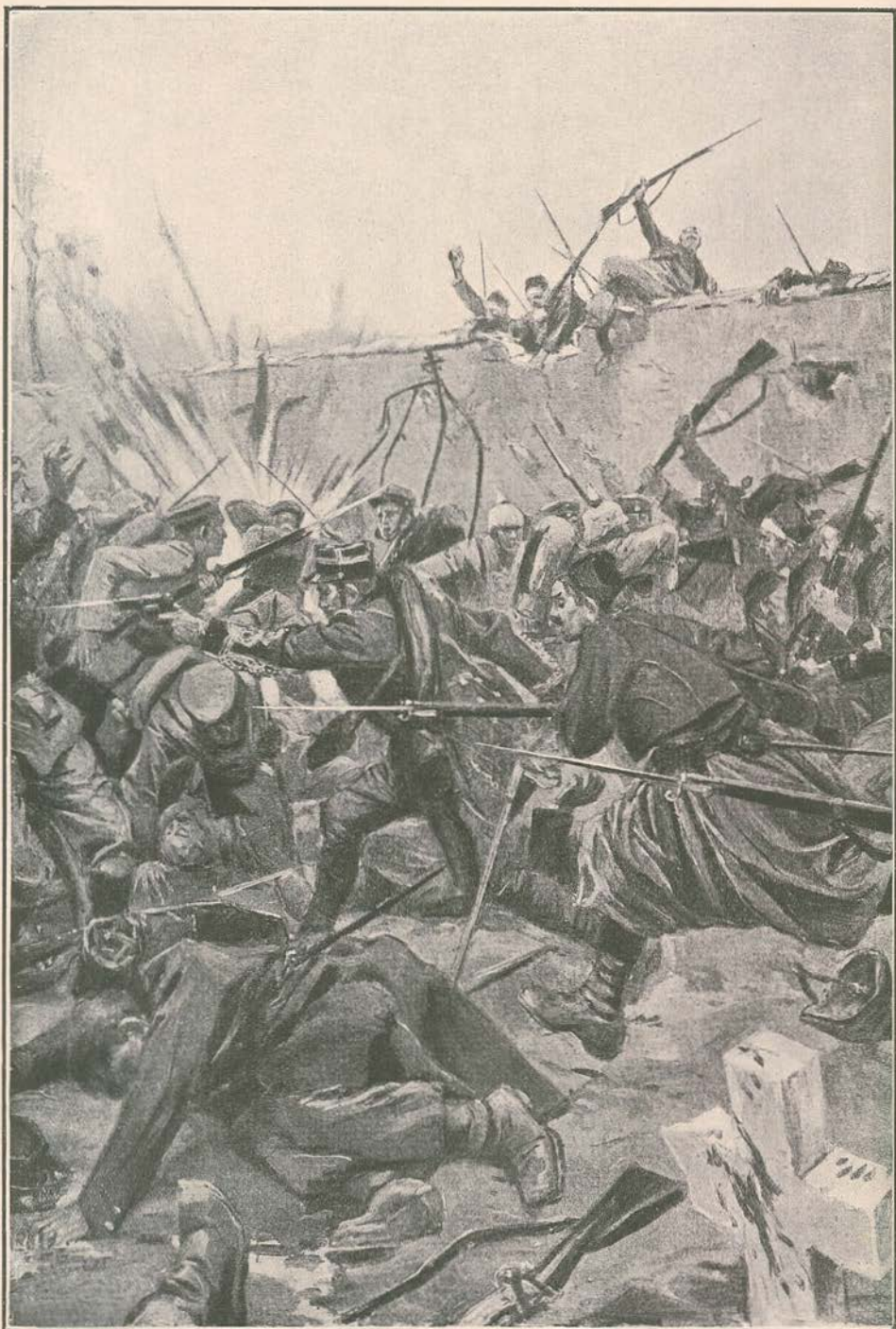
1. O rei Pedro da Servia seguido do seu estado maior.



2. Um moinho de vento perto de Dixmude, onde se vêem vestígios de granadas alemãs.



3. Uma patrulha inglesa com o uniforme de inverno no bosque da Flandres



N'uma aldeia da Flandres; Uma luta corpo a corpo entre alemães e zouavos travada no cemitério—(Da Illustrazione Italiana)



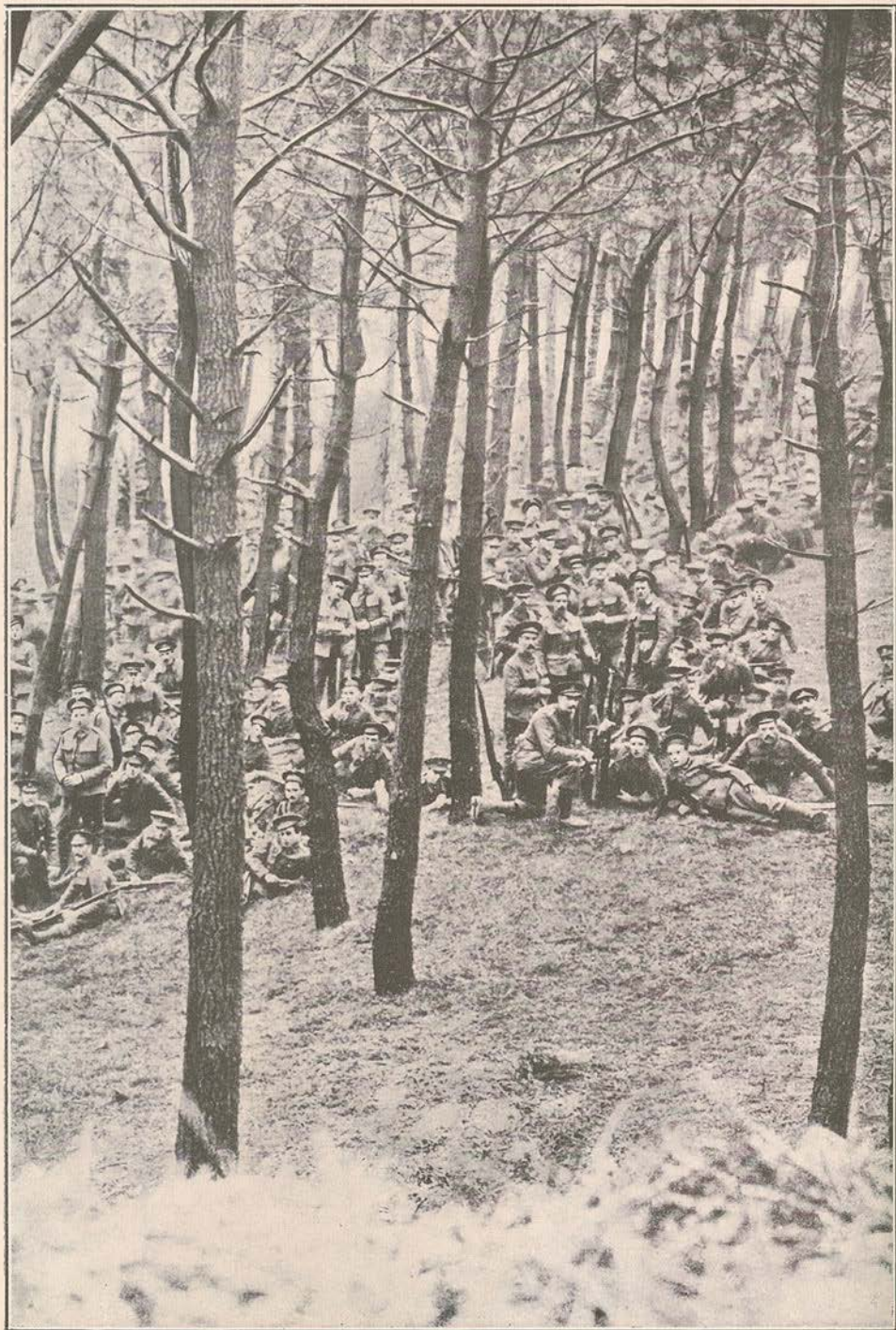
Nos Vosges: Uma sentinela franceza na neve



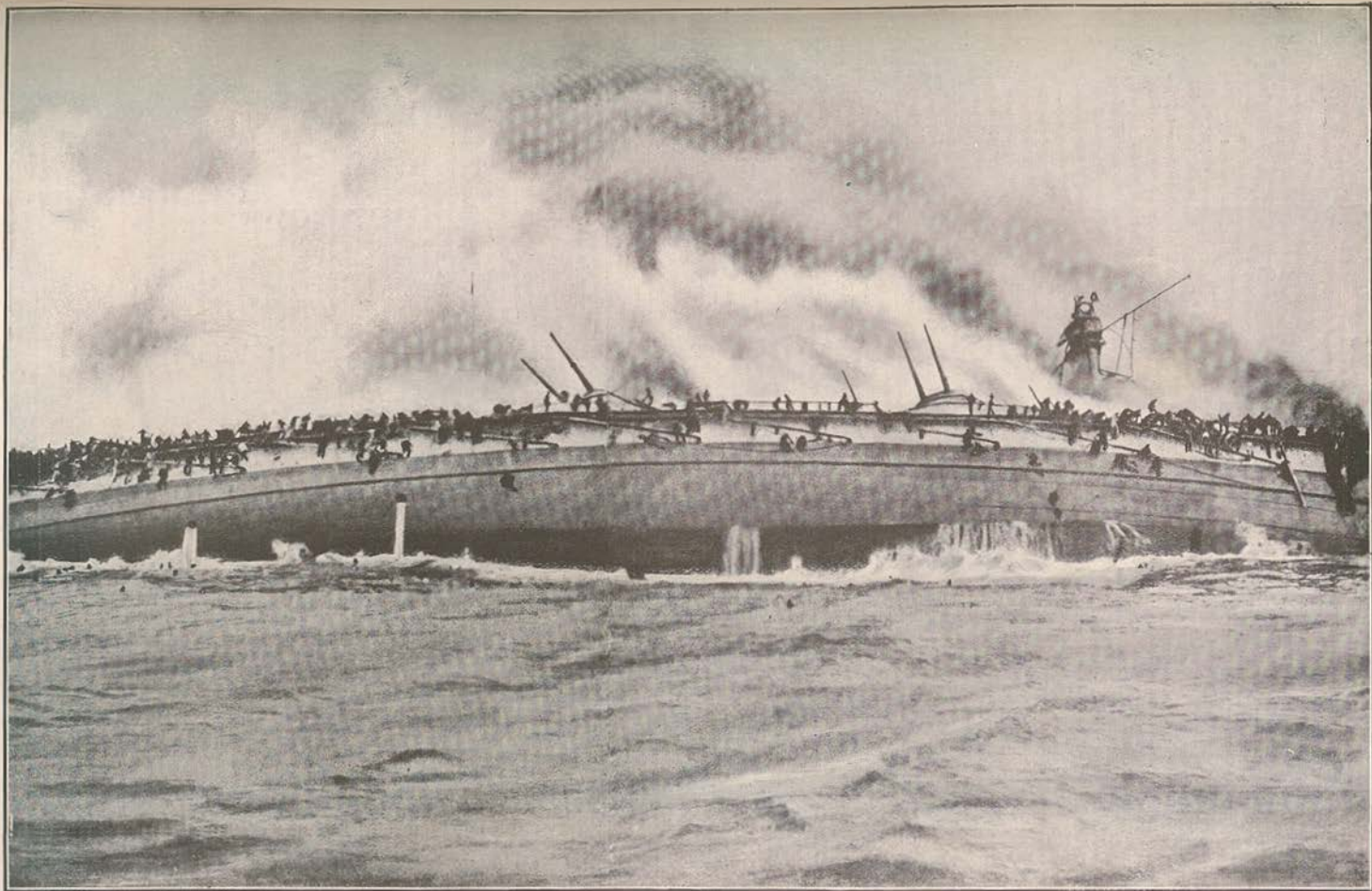
Uma trincheira franceza coberta de neve



Soldados francezes entrincheirados



Um regimento de infantaria inglesa acampado n'um bosque da Flandres



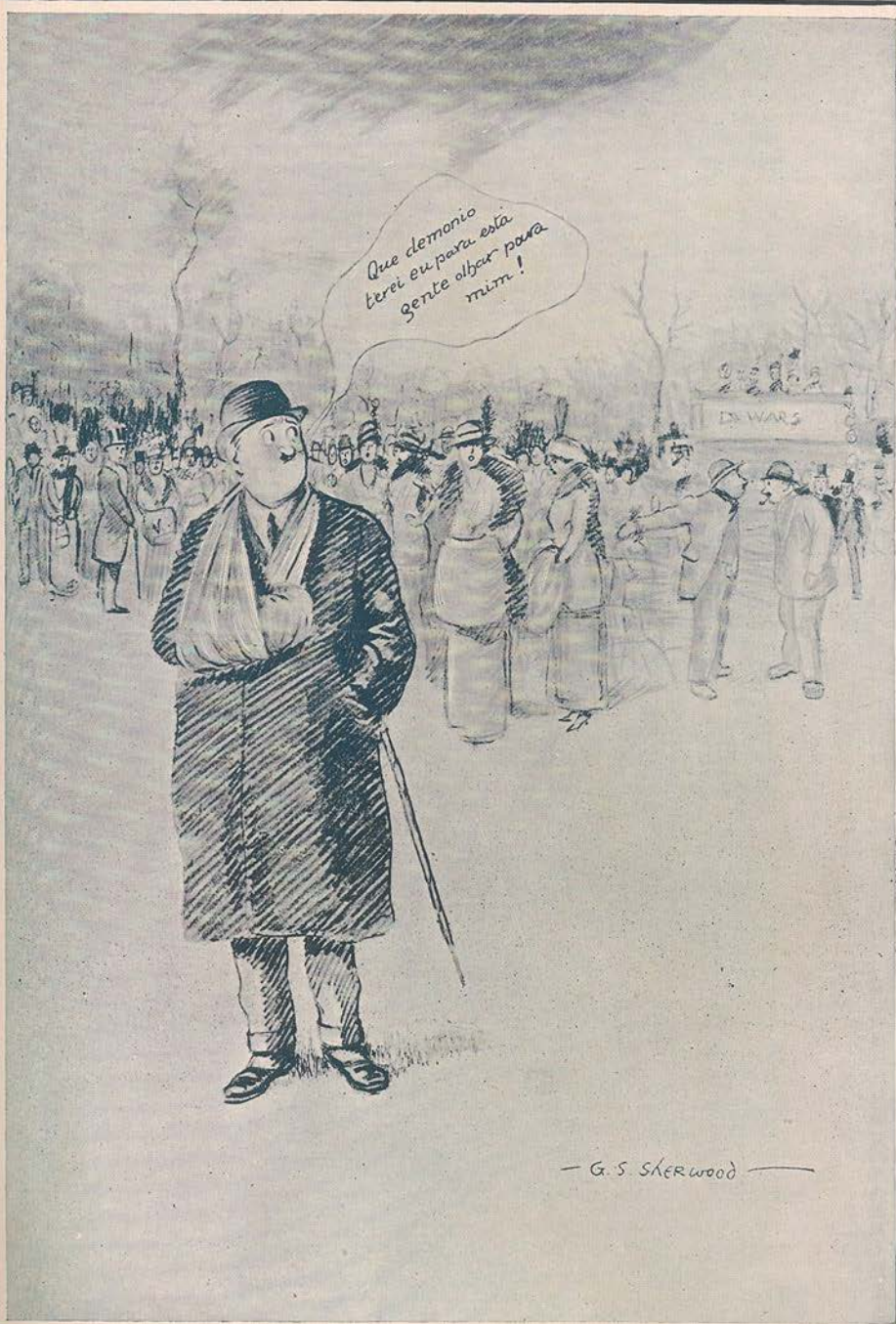
O cruzador alemão «Blücher», um dos navios da esquadra alemã derrotada pela inglesa no Mar do Norte, no momento em que se vai afundar. Uma grande parte da guarnição esforce-se já agonizante na água, tendo os ingleses com grande esforço recohido muito naufragos; a outra procura sustentar-se desesperadamente sobre o flanco do navio já tombado e gotejando água às cataratas pelas juntas abertas das chapas do costado.—(Da «Illustrated London News»).

NO THEATRO DAS NAÇÕES



Chovem no palco sobre a aguia germanica projecteis do mais veemente desprezo

A ADMIRAÇÃO DOS INGLEZES PELOS FERIDOS DA GUERRA



— G. S. SHERWOOD —

Que demonio terei eu para esta gente olhar tanto para mim?

— Ah!... Já sei! Julgam-me ferido na guerra, e afinal cortei-me n'uma mão por me ter escapado a facca da cosinha

No paiz da hulha branca

Quem de Santos embarque para o Paranaguá, agradavelmente impressionado com o movimento civilizador de S. Paulo, não pensa, decerto, que outro Estado lhe ofereça aos olhos ávidos de outra luz, paisagens mais belas, alacres e mais ricas de vegetação. São paisagens de uma

fertilidade trágica, que o não é outra coisa a ascensão da serra que liga o antiquíssimo porto de mar a Curitiba, capital do Estado do Paraná. E' grandiosa e simples essa ousadia de engenho, que soube recortar serras, perfurar montanhas, abrir canaes e nivelar planícies.

A ponte principal, a que batisaram de S. João, como se ela representasse algum esforço biblico, que não a energia humana elevada ao maximo, honra a engenharia brasileira. Os paranaenses devem ao dr. Teixeira Soares esse monumental trabalho ferro-viario, em que até os entendidos não sabem que mais admirar: se o bem lançado da concepção, se o desmedido arrojo da praticabilidade. E' que só vendo se acredita como foi possivel ligar duas epopeias de granito com o aço artistisado, desvendando ao viajante, surprezo, novas modalidades de mecanica: sulcos na rocha inexpressiva, alicerçando pégões formidaveis, córtes estupendos rasgando a montanha, abrindo-lhe o ventre fecundante, revolvendo-lhe as entranhas, trilhando as com

novas arterias por onde a locomotiva corre célere a levar ás capitaes o progresso e a civilização.

São quatro horas de sensações inéditas. As duas primeiras preludiam uma sinfonia bizarra. Dos pincares dos montes, estendem o seu lençol de es-

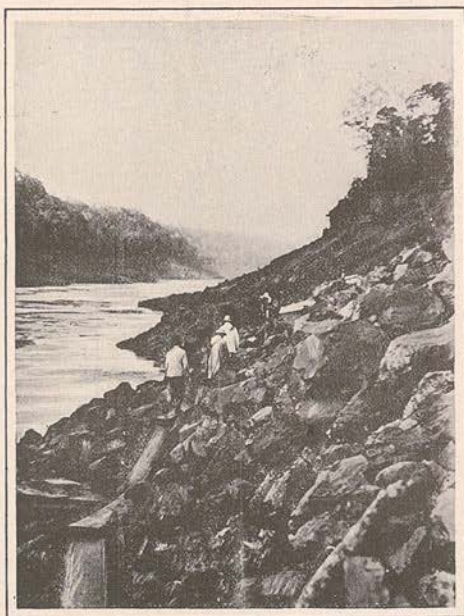
puma as cachoeiras saltitantes. Descem de quebrada em quebrada as aguas revoltas, enovelando-se. A cada obstaculo que surge, irritam-se, gritam, imprécam, escoam-se, para de novo se unirem n'algum penhasco reconcavo que as espreita cioso da sua frescura alvinhite. Não se acalmam. Saltam.

Volteiam. Debruçam-se. Formam veus de uma transparencia rara, até que a aresta viva de um rochedo gasto, atraindo-as, as engana e as precipita nas planuras anuancadas de originaes matizes. O viajante olha do alto, e apenas ouve o cantar plangente das aguas que se despenham...

Nas outras duas horas admiram-se e comentam-se os aspétoes varios dos cenarios policrómicos. Lá, muito ao fundo, no vale imenso, pascem rebanhos tostados pelo sol. A casaria é vasta e engalanada de arbustos. Quando nossos olhos procuram devassar a tapérea sertaneja, logo o comboio entra, resfolegando, por um dos quatorze tuneis, castigando-nos com uma fumarada irritante. Mal temos tempo de respirar, outra paisagem nos envolve e atrae. Esta é mais rude e impressiva. A

mata espessa tonalisa-se de cinzeno. Os pinheiros, como inda não vi eguaes, elevam-se insolentes, desafiando a minha estatura de pigmeu. São Hercules-Quasimodo. Feios e fortes, rijos e térsos, de copa larga e galhos fibrosos, que de

per si só projetam sombra e balsaminam o ar. E teimo em olhar para essas arvores que constituem uma das maiores riquezas do Paraná, fértil em madeiras de preço, mas o comboio engolfa-se em outro tunel, ao fim do qual se desvenda um



Rio Paraná



Salto Tiradentes (ponte) rio Iguaçu

panoramais esquecíveis. Tão depressa se nos afigura que o celebre «Pico do Diabo», desce do seu trono argiloso para nos soterrar a todos, como, mais além um pouco, nos cativa o encantador «Veu de Noiva», delicioso salto de diáfana linfa, cobrindo com seu manto nupcial o recorte estético e levemente escarpado de uma colina, onde o acanto médra e a bromélia viciaja.

E assim por diante. Faz-se a viagem de Paranaguá a Curitiba n'um extase. E' realmente preciso não ter olhos de vêr, não possuir o sentimento das coisas, não ser sacudido pela grandiosidade do espetáculo deslumbrante que a natureza nos oferece, para não ficar extático perante as suas resplandecentes maravilhas. Por isso, o viajante esgueira-se pela janela do vagão a aspirar a atmosfera limpida d'aquela rincão famoso, a embeber-se, todo, nas belezas naturais do Paraná.

Chegado a Curitiba, ia embriagado da luz nativa, clara e esplendente do sul do Brazil. Enquanto o sol irradiava a sua eloquencia milenaria, uma vi-



Rio Iguaçu abaixo do Salto Maria



A catedral de Curitiba

são triste macúla a florescencia dos caminhos. Uma cruz, no alto da serra, posta ali por mão amiga, recorda uma pagina historica, amarelecida pelo tempo, mas que o tempo não consente a rasgue o espirito contemporaneo para ensino dos posterios.

Foi n'aquella precinçio que a demagogia de 1893 abismou o barão do Serro Azul, varão illustre e patriota esclarecido, ao passo que o marechal Floriano salvava a Republica. O comboio, quando passa em frente d'aquella saudoso preto talhado em ferro, parece deter a sua marcha ascencional. Os passageiros antigos, cheios de comoção, contam aos novos, apavorados, a ação do drama politico que ali se epiloga. Durante anos descobriu-se e chorou o sertanejo rude. Hoje, aquella cruz é um aviso aos defensores das causas justas e uma ameaça permanente para a intolerancia de todos os tempos...



O Estado do Paraná é limitado ao norte por S. Paulo



Figueira Branca (Ficaria Alba), colosso do mato parense

a este pelo oceano Atlântico, ao sul pelo Estado de Santa Catarina e pela república Argentina, a oeste pela república do Paraguay e Estado de Mato Grosso.

O aspecto geográfico do Paraná é quasi rectangular. Rodéiam-no quatro grandes rios: o Paranapanema, o Paraná, o Iguaçu e o Rio Negro. É preciso assinalar como sendo grandes monumentos de agua, as celebres quedas do Iguaçu ou as Sete-Quedas, que são os maiores saltos do mundo. A queda do Iguaçu tem 50 metros de altura, mais 7 do que o celeberrimo Niágara. Está avaliada em 18 milhões de cavalos a energia electrica que essas quedas podem fornecer. As Cataratas das Sete-Quedas oferecem um espectáculo deslumbrante. A descrição é difficil pelo inédito.

Só o viajante observador poderá fazer uma idéa da realidade d'esse conjunto de catadupas extraordinarias de uma empolgante beleza, e dos seus varios aspéctos, em que a terra e a agua se debatem em luta titânica. São como colunas de basalto que levantam as estratifica-



Transporte de herba-mate—Rio Paraná

ções dos seus lençóis; cavernas profundas, grutas em meandros que os turbilhões cavaram por milhares de anos no seu recuo incessante; incrustações de zéolitos pelos interstícios, pelas fendas, pelos pilões, arredondados por continuos atritos sobre o leito de inúmeras torrentes; saibros e

areias formando esses pequenos défilés torrenciais onde se amontoam grandes troncos de arvores, alguns engatados ás fendas das rochas á espera das enxurradas para melhor se precipitarem no abismo; parasitas vegetando, encravados nos rochedos, retouças de algas pelos remansos, n'um coroamento festivo, e, por todas as paisagens

magnificentes de estranhos e exquisitos aspéctos, essa vaporisação pérene, arcoirizada de sol, como extensa escomilha fantástica, suavizando as asperezas da natureza rude e selvagem...

Curitiba, junho de 1914.

JOSÉ SIMÕES COELHO



2. Fumoír do Grande Hotel Moderno, de Curitiba
3. Salto Unido, no rio Iguaçu

ULTIMOS ECOS DO CARNAVAL



1. A menina Rosa Fernandes Segarra, 1.º premio do baile infantil do Centro Hespanhol.—2. As meninas Maria Luiza Melo e Silva e Morena de Melo Leite e Silva.—3. O menino Jau Julio Fonseca da Costa Ferreira, 1.º premio do baile infantil do «Eden Teatro».—4. A menina Maria Castanheira Neves e o menino Luiz Verol Frazão.—5. A menina Ernestina Segurado.—6. A menina Judith dos Santos.—7. A menina Ester Couceiro e o menino Jose Verol Frazão.—8. O menino Mateus Inacio de Sousa, a menina Maria Adelaide Ribeiro da Silva e o menino Francisco Ribeiro da Silva, de Santarem.—9. A menina Fernanda Neuparth Vieira Andrade.—10. A menina Maria Inez e os meninos Raul e Leopoldo Todt, da Figueira da Foz.

TEATROS

Teatro do Ginasio

Depois da falencia da empresa d'este teatro, os artistas, reunidos em sociedade, dispuzeram-se a concluir a época, explorando o antigo repertorio da casa e algumas peças novas. Este teatro habituou-se ultimamente ás ensaiadoras — e já não quer calças na sua direção cênica. Maria Matos herdou a batuta de Lucinda e lá está com o grande e real talento que Deus lhe deu, regendo aquella excelente sinfonia. Desejamos-lhes, a todos, harmonia, contra-ponto — e muito dinheiro na bilheteira.

A "matinée" no Teatro Avenida



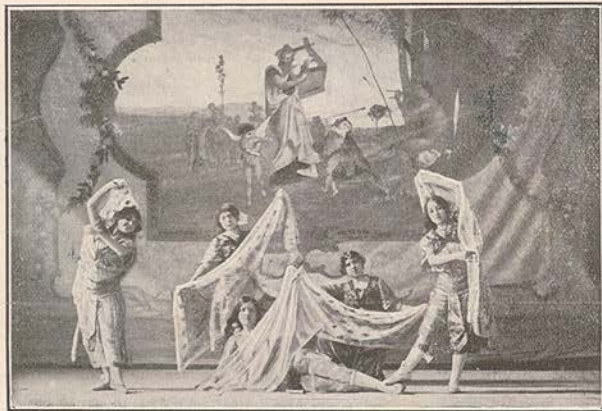
Os artistas *Leon Faria e Alves da Cunha* na *Ultima Aventura*

Uma festa patriótica e uma festa alegre — eis o que foi a recita do dia 28 no teatro Avenida, em que jornalistas conhecidos fizeram de actores, atrizes dançaram e cantaram e o publico riu e aplaudiu.

No fim, feitas as contas, todos se divertiram e praticaram uma boa ação e a subscrição d'«O Seculo», em favor dos feridos e das victimas da guerra, viu as suas receitas aumentar e os seus persistentes esforços compreendidos e engrandecidos.

A recita da Escola da Arte de Representar

A Escola da Arte de Representar ressuscitou no



As bailarinas do Conservatorio no episodio da *Salomé*, no Teatro Nacional

Teatro Nacional, para demonstração dos seus alunos, Goldoni; deu a conhecer um dramaturgo portuguez e trouxe até á luz da ribalta a figura sensual e bela da «*Salomé*», de Oscar Wilde.

Chama-se o dramaturgo portuguez Ladislau Pa-



A aluna do Conservatorio, sr.^a *D. Luiza Lopes*, no papel de *Salomé*

tricio, poeta e contista d'um talento creador já affirmado em obras interessantes. A sua peça, agora representada, intitula-se «*Casa Maldita*» e é um

quadro de tragedia rustica dado com uma energia e um vigor notaveis. E' uma soberba realisação de teatro regional, em que um recanto d'alma beirôa, humido de terra e de sangue, palpita e vibra deante de nós.

Os trechos da «*Salomé*» pertencem á tradução do grande escritor brasileiro Paulo Barreto (João do Rio).

Dos alunos da Escola, uma prometedora e brilhante vocação teve mais uma vez ensejo de se fazer aplaudir: a aluna *Luiza Lopes*, que é, sem duvida, um vivo temperamento dramático.